



"(...) O BRASIL, PELA CONFIANÇA CRESCENTE EM SUA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA, CUJAS BASES FORAM CONSTRUÍDAS NOS GOVERNOS FHC E LULA, SURGE COMO O PODER MAIS INFLUENTE NA AMÉRICA DO SUL".

OS RECENTES EPISÓDIOS DE FALTA DE DECORO NO SENADO, ENVOLVENDO PARLAMENTARES COM UM LONGO HISTÓRICO DE FALTA DE COMPROMISSO COM A DEMOCRACIA E COM A ÉTICA, NOS DEIXAM EM ESTADO DE ALERTA.

A POSTURA DO GOVERNO, FRENTE ÀS ALIANÇAS NECESSÁRIAS PARA O PLEITO DE 2010, DEMONSTRA UMA TENTATIVA AUTORITÁRIA E UM DESEJO INCONTROLÁVEL DE PERMANÊNCIA NO PODER.

ESSAS CIRCUNSTÂNCIAS NÃO PODEM SER TÃO FORTES A PONTO DE ABALAR AS BASES CONSTITUCIONAIS.



BAIXA ESTIMA "O Brasil não se compromete com a sua própria importância". Esta frase, escrita pelo correspondente da revista *Newsweek* no Brasil, Mac Margolls, em artigo publicado no caderno *Aliás*, do jornal *O Estado de São Paulo* (17.5.2009), revela não apenas a nossa baixa estima, mas demonstra que a maioria dos nossos tecnocratas e representantes políticos ignoram as dimensões do processo de amadurecimento da nossa democracia ou temem o significado do nosso papel no mundo contemporâneo.

INFLUÊNCIA Desde a implantação do Plano Real, o Brasil iniciou a construção de um Estado maduro, amparado nos conceitos de responsabilidade fiscal, compromisso com a democracia e abertura das relações com mundo. Na visão do cientista político Guillermo O'Donnell, "(...) O Brasil, pela confiança crescente em sua democracia representativa, cujas bases foram construídas nos governos FHC e Lula, surge como o poder mais influente na América do Sul".

ASCENDÊNCIA SEM GERÊNCIA O'Donnell diz ainda que "(...) O Brasil é também um país excepcional. Pelo porte e desempenho econômico, o país tem reconhecida ascendência sobre a sua região, mas não a gerencia. Os brasileiros não se veem como típica potência regional (...) Há, nisso, uma espécie de dança entre o que o mundo espera do Brasil e o que o Brasil quer do mundo".

POTÊNCIA Para o Coordenador de Estudos Internacionais da FGV/Rio, Matias Spektor, "(...) o Brasil é uma potência regional ambígua (...) o país paga um preço altíssimo por sua indefinição e parte desse preço é a desunião latino-americana". Essa ideia é reforçada por Guillermo O'Donnell, que nos informa que "(...) Ao credenciar-se nos fóruns internacionais como potência da América Latina sem ter que efetivamente se comprometer com isso, o Brasil se arrisca a alienar seus vizinhos (...) De fato, não conse-

guiu o apoio regional como candidato a presidir o Banco Interamericano de Desenvolvimento, a OEA e muito menos a OMC".

AMBIGUIDADE Ambíguo Brasil. É reconhecidamente uma nação rica. Construiu uma democracia invejável, amparada na autonomia dos três poderes. Tem o reconhecimento internacional, mas não assume sua condição de líder. Tem uma constituição firme, mas ainda não conseguiu se libertar do ranço oligárquico. Tem um dos mais bem organizados sistemas eleitorais, mas os partidos ainda são frágeis e a representação política no Congresso, em sua maioria, é medíocre.

TENTATIVA AUTORITÁRIA Os recentes episódios de falta de decoro no Senado, envolvendo parlamentares com um longo histórico de falta de compromisso com a democracia e com a ética, nos deixam em estado de alerta. A postura do governo, frente às alianças necessárias para o pleito de 2010, demonstra uma tentativa autoritária e um desejo incontrolável de permanência no poder. Essas circunstâncias não podem ser tão fortes a ponto de abalar as bases constitucionais.

OLHOS ABERTOS Segundo o cientista político Guillermo O'Donnell, "(...) existem democracias fracas e completamente delegativas - aquelas que não dão muita importância às instituições e poderes constituídos - (...) há regimes autoritários que fazem eleição para se disfarçar de democracias (...) Há intervencionistas achando que produzem democracia, mas agem de maneira ignorante, até reproduzindo padrões imperialistas". Por isso, precisamos estar de olhos bem abertos. Porque, nas sábias palavras do professor O'Donnell, "(...) A democracia é uma tarefa que carrega desafios enormes. É produto autóctone, resultado de experiências históricas e, uma vez que sua semente exista de fato, então sua evolução poderá ser ajudada por fatores externos que não se resumem a governos, mas abrangem relações entre atores sociais".